

REFLEXÕES SOBRE A SÉRIE “MENINAS DE MINAS” DE WALMIR ALEXANDRE

Eny Arruda Barbosa
eny_arruda@yahoo.com.br
Minter-UFG/UNIMONTES

ISSN 2316-6479

Resumo

Neste trabalho, realizou-se uma reflexão sobre a série “Meninas de Minas”, do ceramista Walmir Alexandre, na qual se percebe a influência de Di Cavalcanti, representada pela força da mulher brasileira. Fez-se uma amostragem de imagens, entendendo-as no ato criativo como um objeto gerador de significados e interpretações, buscando compreender a representação da obra a partir da relevância para o próprio artista como um colecionador de olhares.

Palavras-chave: Relevância do olhar. Meninas de Minas. Walmir Alexandre.

Abstract

In this work, a reflection on the series “Girls of Mine,” the potter Walmir Alexandre, in which one perceives the influence of Di Cavalcanti, represented by the strength of the Brazilian woman. There was a sampling of images, understanding them in the creative act as a generator object of meanings and interpretations, seeking to understand the performance of the work from the relevance to the artist himself as a collector of looks.

Keywords: Relevance of look. Girls of Mine. Walmir Alexandre.

1. Introdução

O que se propõe neste artigo é compreender como Walmir Alexandre desvenda sua escolha no processo de criação e construção de suas obras. Trata-se de um artista Montesclarenses, ceramista reconhecido em todo o norte de Minas, mas que ainda não foi objeto de estudos, não tendo, portanto, suas formas de produção conhecidas. Propõe-se, ainda, a mostrar a influência do pintor Di Cavalcanti em relação às representações da figura feminina. Enfoca-se o trabalho dos ceramistas do Vale do Jequitinhonha e de outros artistas que também se encantaram pela beleza da mulher brasileira fazendo um paralelo com os elementos mais comuns e marcantes presentes nas obras analisadas.

Essa influência despertou na pesquisadora o desejo de identificar os elementos de inspiração e temas que motivaram o artista Montesclarenses Walmir Alexandre na produção da série “Meninas de Minas”. Para isso, buscaram-se várias fontes, bibliografias, revistas, reportagens, artigos e visitas ao atelier, a fim de aprofundar o conhecimento acerca do objeto de estudo.

1.1 O olhar de artistas que eternizaram o feminino em suas obras

Na contemporaneidade, percebemos como é grande o apelo, sejam nas ruas, muros, prédios, *out doors*, o que provoca um debate em torno da visualidade e interpretações sobre esta forma de olhar e selecionar as imagens, para refletir sobre o que elas nos dizem. Neste contexto se insere o tema escolhido por muitos artistas ao longo da história da arte para retratar em suas obras a figura feminina. A presença constante da mulher na escultura do artista Walmir Alexandre nos faz lembrar as primeiras manifestações artísticas da pré-história, onde a figura feminina surge carregada de simbologia, fertilidade, beleza e divindade.

A representação da figura humana nos primeiros tempos era uma forma de associar as riquezas da terra como fonte rica de alimento à fertilidade da mulher.

[...] A terra, de onde brota água e alimento, passou a ser associada à fertilidade da mulher, que, por sua vez, podia gerar filhos; nasce o culto às “deusas fertilidade” associando ao ciclo das colheitas. Em todas as esculturas por onde apareceram estas deusas votivas adquiriram diferentes nomes, associadas à fertilidade. As figuras com formas roliças, prenhas, com seios e nádegas protuberantes encontradas em antigas plantações foram observadas em diferentes momentos históricos, nas várias partes do planeta. (DALGLISH, 2006. p.22-23).

A obra neoclássica “A maja nua”, de Francisco de Goya, aparece no momento em que os movimentos artísticos discutem questões culturais, sociais, históricas e políticas. A beleza feminina surge como objeto de desejo e com um olhar voltado atentamente a quem o observa. Segundo Canton, no livro *Do moderno ao contemporâneo*:

Para a fruição da arte moderna, portanto, é preciso aliar a sensibilidade pessoal do observador, que se torna cada vez mais afiado no próprio exercício de vivência e observação das obras de arte, a uma compreensão tanto dos processos internos que mobilizam o artista como dos processos sócio-históricos que dão origem a suas obras. (CANTON, 2009, p.20)

A interpretação de obras artísticas e de imagens visuais é baseada em uma diversidade de narrativas. Nenhuma imagem é constante ou passível de garantir uma reprodução fixa ou certa (DENSING, 1997; FOSTER, 1999, p. 87). O olhar como forma de conhecimento está voltado para condições que se sucedem, como: classe, etnia, idade, estilo de vida, preferências sexuais e muitas outras. Ainda de acordo com Canton:

“Di Cavalcanti, por exemplo, ficou conhecido por pintar a sensualidade brasileira encarnada emblematicamente na figura da mulata. Em suas telas, a mulher está sempre ao centro, simbolizando a cultura nacional, tropical e miscigenada”. (CANTON, 2009, p.33)

A propósito, escreveu o crítico Frederico Moraes, por ocasião da retrospectiva de 1971, no MAM-SP, uma das análises mais perspicazes da arte de Di Cavalcanti:

Em nenhum outro artista brasileiro, a mulata recebeu tratamento pictórico tão alto e tão digno. Sem paternalismos, sem menosprezo. Di deu-lhe a dignidade da madona renascentista, madonizou a nossa mulata, o que não é o mesmo que mulatizar a madona, como o fez Athayde no céu barroco de Minas. (MORAIS, 1971, <<http://www.pitoresco.com/brasil/cavalcanti/cavalcanti.htm>>)

A representação da sensualidade feminina se estabelece por meio de um processo onde o olhar do outro gera inúmeras reproduções criadoras de acordo com características físicas, do gestual, dos hábitos e dos costumes de determinada cultura.

A imagem é o resultado da tradução transcultural das informações que permeiam o sujeito. Quando entramos em contato com uma cultura que nos é estranha, repleta de diferenças, inevitavelmente construímos leituras. Estas leituras são representações, categorizações do mundo real. As conexões estabelecidas entre diversos autores por Christine Greiner (2005, p. 74), no livro *O corpo* são de extrema importância para a compreensão destes processos tradutórios.

O artista plástico mineiro Geraldo Lancerdine mostrou recentemente uma exposição sobre o tema da figura feminina na série intitulada “Meninas do Brasil”. Tratam-se de quinze narrativas de mulheres brasileiras que foram transformadas em pintura pelo artista, resultado da pesquisa sobre cultura brasileira, tendo a mulher como foco central da expressão cultural. “O objetivo é dar voz a mulheres anônimas, que muitas vezes são silenciadas pelo abandono, pela exclusão social ou pelo fato de serem pobres, negras e subjugadas” (LANCERDINE, 2012, <catracalivre.folha.uol.com.br>).

As imagens que nos cercam transformam não só o nosso mundo e as nossas identidades, mas têm um papel cada vez mais importante na construção da nossa realidade social. (ARAUJO, 2010, p. 3)

A cultura visual estuda e investiga a imagem como via de acesso ao conhecimento, como experiência que realça realidades que de outro modo passariam despercebidas. Ao mesmo tempo em que se expandem e diversificam visões e versões do mundo, as imagens, já não são subordinadas ao texto como ilustração, são livres para atuar sobre a mente. (BUCK-MORSS, 2005, p.153-154)

Cada ato de “ver” é também um ato de “não ver” porque, quando fixamos nosso olhar em um determinado espaço, ponto ou objeto, no campo visual, algumas coisas sempre permanecem invisíveis. Fazendo uma analogia com Susan Sontag (2003), podemos dizer que ver é enquadrar, e enquadrar é excluir. Nesse

sentido, os autores Martins e Tourinho, no livro *Circunstâncias e ingerências da cultura visual*, apontam que “É como se nosso olhar se transformasse em um filtro que descarta os resíduos descartáveis e armazena apenas informações e conhecimentos valorizando em seu contexto e interesses de sua trajetória cultural”. (MARTINS; TOURINHO, 2011, p.51).

Lancerdine consegue interpretar muito bem estas histórias que foram sendo contadas a ele pelas mulheres ao longo da pesquisa. Daí o ato de ver passa a ser um processo ativo e criativo.

1.2 A Riqueza cultural da escultura em cerâmica nas Minas Gerais

A cerâmica no Vale do Jequitinhonha atravessou gerações, e atualmente conta com enorme variedade em sua produção. Esta arte popular produzida no Vale encanta e seduz a todos que a conhecem.

A noção de arte popular não configura como estilo artístico, ou como técnica, que é praticada pelo povo e para o povo. Estabelece, sim, ligações com variadas linguagens artísticas, onde o ato criativo individual e único acaba por ocupar o centro. Segundo Ortiz (2001), no livro *A Moderna Tradição Brasileira*, no Brasil o estudo do popular está ligado à busca de definição da nossa identidade. No bojo do popular, encontramos concepções ligadas a produções folclóricas, artesanais, massivas e eruditas.

Para Marscelani (2008), no livro *Caminhos da arte popular*, a cerâmica produzida nessa região retrata o modo de viver de quem as fabrica, as relações culturais das artesãs com a família, com a comunidade, com os intermediadores e a influência no mercado externo. A cerâmica desses lugares é única, é um artesanato diferenciado pela tradição, e tem continuidade por ser passado pela cultura oral para as gerações seguintes. Segundo Dalglisch:

A seca que castiga a região serve de inspiração e faz brotar das mãos dos artistas belas bonecas de barro. São esculturas que medem mais ou menos um metro de altura. Entre elas, noivas com vestidos bordados, mães amamentando, mulheres e crianças em rituais de batizado, casamento e funerais. (DALGLISH, 2006. p.71-72, 80).

O Vale é considerado por muitos autores como pobre, castigado pela seca, pelo sol escaldante, pela terra craquelada e pela longa estiagem. Mas o que se percebe ao visitar algumas regiões do Vale é exatamente o inverso. Uma paisagem belíssima, com rios e montanhas que mais parecem uma pintura de tão perfeitos. Gente hospitaleira, trabalhadora, que tira da terra seca o sustento das famílias. Os artesãos têm a alegria de ver seu esforço no trabalho artesanal reconhecido

quando suas produções são vendidas e valorizadas nos grandes centros e fora do Brasil. Das mãos castigadas pelo trabalho pesado, surgem às oleiras do Vale do Jequitinhonha, mulheres que aprenderam a técnica fora do espaço escolar com seus antepassados, muitas com um talento natural ou dom herdado, preservando até os dias de hoje a tradição da cultura popular. Segundo Mascelani, no livro Caminhos da arte popular, “elas se referem a uma memória e uma herança que vêm do tempo e emergem em parceria, mencionada, até alguns anos como exclusivamente feminina” MASCELANI (2008, p. 78).

As bonecas feitas pelas mulheres da região são hoje consideradas como símbolo de um processo cultural recente. Os “bonecos de barro” sempre referidos no masculino foram legitimados como objetos de arte depois do reconhecimento do trabalho de Mestre Vitalino. Existem vários artesãos que, semelhante às mulheres, também produzem as bonecas, como João Pereira, genro de Dona Isabel; João Alves de Taiobeiras – MG, que começou fazendo presépios para o natal, e muitos outros.

Os temas mais utilizados pelas artesãs do Vale são as noivas, mulheres amamentando, mães, o parto, asoringas com corpo da mulher, dentre outros. Nas palavras de Dalglish,

[...] figuras de mulheres na função de noivas; não existia a figura masculina na sua obra. Sua cerâmica mostrava mães amamentando ou gerando filhos, com fraldas na mão e lenço no cabelo. De certa maneira, as mulheres na sua obra não pareciam muito valiosas, mas sim protetoras, maternais, quase serviçais. (DALGLISH, 2006, p.116)

Vitalina Pereira Xavier, artesã e parteira de Campo Alegre, Turmalina – MG, é uma das mais antigas da região; nascida em 1910, dedicou-se à produção de utilitários em cerâmica, além das bonecas. De acordo com Dalglish, comentando a produção de outra artesã do Vale,

[...] a modelagem do rosto com olhos extremamente estúpidos e delineados se tornam marca registrada de suas esculturas... Não houve mudança na estrutura das figuras femininas modeladas por Isabel. Suas bonecas são sempre de vestido longo, possibilitando assim seu equilíbrio. As esculturas não possuem pés, o peso da boneca é suportado pela barra do vestido. (DALGLISH, 2006. p.186 e p189)

A arte de Isabel Mendes da Cunha influenciou grande parte da produção do Vale do Jequitinhonha. Em 2004, foi premiada pela UNESCO. No ano seguinte, houve reconhecimento pela ação em favor da cultura brasileira pelo Governo Federal, com a Ordem do mérito Cultural pelo Ministério da Cultura do Brasil, e o Prêmio Culturas Populares, pelo Ministério da Cultura do Brasil, 2009.

1.3 A visualidade marcada na obra do escultor Walmir Alexandre

Na atualidade, a diversidade artística tem demonstrado a necessidade de compreender características peculiares da produção de artistas que representam expressões significativas da nossa cultura. Assim, a compreensão desses aspectos nos permite dimensionar a obra de arte para além do valor artístico-estrutural que possui, relacionando-a também a aspectos culturais e sociais do mundo contemporâneo. De acordo com Martins:

A cultura visual se configura como um campo amplo, múltiplo, em que se abordam espaços e modos onde a cultura se torna visível e o visível se torna cultura. (...) “é um campo novo em razão do foco no visual com prioridade na experiência do cotidiano” (MARTINS, 2007, p.1).

Como objeto de estudo desta pesquisa, dentre a variedade de séries do artista, a pesquisadora optou pela série “Meninas de Minas”, onde são apresentados ao público os elementos de inspiração e temas que motivaram na confecção de suas esculturas.

Walmir Alexandre nasceu em Montes Claros, norte de Minas Gerais, onde passou sua infância e ainda hoje reside e trabalha. O primeiro contato com a arte se deu com a temática religiosa, por volta dos cinco anos de idade. Sonhando em ter um presépio, e sem ter como comprar, com o auxílio de sua mãe, Dona Maria, na colheita do barro o moldou. Daí em diante, não parou mais. Walmir se diz um artista que está sempre em busca de algo novo, e acredita que o melhor ainda está por vir.

Aos seus 17 anos, destacou-se pela produção de cerâmica voltada para a arte popular, procurando, desde então, desenvolver um trabalho de resgate cultural, artístico e natural das riquezas da região. Sua obra é rica em detalhes, misturando técnicas diversas e utilizando barros de cores variadas para realçar os detalhes que deseja evidenciar em cada um de seus objetos. O artista segue uma estrutura geométrica rigorosa; em alguns detalhes das vestes das “meninas de Minas”, utiliza sobretudo cores terrosas, como marrons, amarelos, ocre, detalhes em ouro. De acordo com Martins e Tourinho:

Vemos o mundo através de filtros produzidos pelas nossas histórias/ trajetórias pessoais e pela cultura. Noções de cor, forma, textura, gesto, movimento, volume, luz, distância etc., ou seja, o modo como reconhecemos e usamos tais especificidades é mediado por relações e categorias construídas, resultantes de nossa imersão no mundo da cultura. (MARTINS; TOURINHO, 2009, p. 10 -12).

Santos, afirma que alguns trechos do catálogo “Ser Tão Minas” “revelam que suas esculturas femininas possuem minuciosos detalhes, com traços expressivos.

[...] Em suas obras, o rosto e a fonte dão sugestão de movimento. Sua arte deixa de lado o preconceito e os fatos tristes da realidade social”. (SANTOS 2011, p.5).

Por meio das esculturas “Meninas de Minas”, o artista faz uma homenagem a algumas cidades mineiras. Ele procura mostrar nas vestimentas das esculturas vários aspectos desta região. As figuras retratadas carregam uma diversidade de riquezas provinda das gerais. De acordo com Santos (2011):

Os aspectos culturais das figuras retratam as cidades coloniais com sua arquitetura e monumentos barrocos, assim como as festas com suas congadas, folia de reis e festas juninas. A riqueza musical, a culinária com pão de queijo, o queijo do serro e as cachaças da região, o pequi de Montes Claros, entre outras. Personagens que marcaram a história como os bandeirantes Fernão Dias, Borba gato, Tiradentes, Xica da Silva, Carlos Drummond de Andrade, Milton Nascimento, Juscelino, Oscar Niemeyer e outros. (SANTOS, 2011, p.2).

Um detalhe que está presente em algumas esculturas do artista é uma pequena toalha de crochê que o artista ganhou, e teve a idéia de fazer experiências na argila, começou então a imprimir nas roupas femininas esse adorno, que, segundo Walmir, parecia um bordado, de tão perfeito, então não parou mais. E a toalha se transformou em mais um instrumento de trabalho.

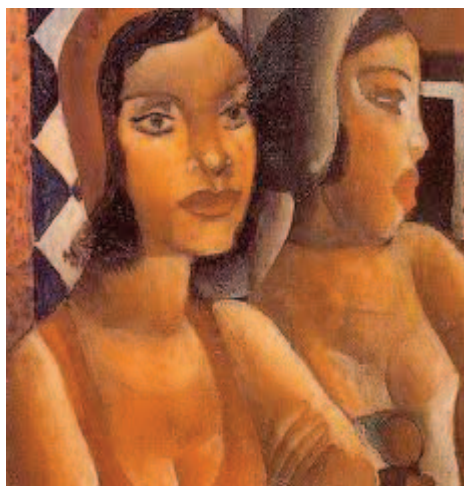
Seu trabalho artístico recebeu influências de vários artistas, desde os de nossa região, como Rocha e seu Wilson, como também a partir das obras do artista Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, o Di Cavalcante, cujo veículo predileto era então o pastel, do qual se utilizava para retratar figuras femininas, da pureza então em moda. Na apreciação da pintura de Cavalcanti, afirmou o crítico Mário de Andrade:

Lado a lado, porém, com essas «místicas fugas da realidade», o futuro grande pintor «punha já em valor certos caracteres depreciativos do corpo feminino, denunciava nos seus tipos uma psicologia mais propriamente safada que extravagante, com uma admirável acuidade crítica de desenho» (MÁRIO DE ANDRADE <http://www.pitoresco.com/brasil/cavalcanti/cavalcanti.htm>)

A série “Meninas de Minas” soma um total de vinte e duas esculturas, e neste artigo falaremos de algumas. Com tamanhos similares, todas as esculturas possuem corpo de violão, formas arredondadas para braços, corpos, olhos e bocas. As linhas são firmes e definidas, prevalecendo com mais intensidade na fisionomia facial e decoração das vestes, bem delineadas também nos contornos. São peças com acabamento impecável, parecem polidas, possuem variadas e interessantes texturas que adornam as saias das meninas, em algumas saias foram retratadas imagens figurativas, em outras, paisagem, casarios mineiros.

1.4 Detalhes de algumas obras da série “Meninas de Minas”

Como técnica, o artista utilizou a terracota extraída das cidades mineiras de Nova Esperança e Taiobeiras, policromada com pigmentos minerais e folheada a ouro (SANTOS 2011, p.15). Observamos na análise das obras pela perspectiva do olhar do observador aos detalhes importantes da cultura das cidades mineiras. Na (figura 1), percebemos a representação da “Carranca”, elemento típico da cidade ribeirinha de Pirapora-MG, e as ondas, representando o rio São Francisco. Na (figura 2), o “Brasão” oficial da Estrada Real ao centro e, na (figura 3), percebe-se a imagem do “garimpeiro”, representação da extração de ouro e diamante da cidade de Diamantina - MG. Percebe-se em todas as obras a presença de rendas variadas e todas as imagens em alto relevo como acabamento final.



Analisando as obras da série “Meninas de Minas”, do artista Walmir Alexandre (figura 4) e a obra “Mulheres na janela”, de Di Cavalcante (figura 5), percebem-se semelhanças entre as obras, identificadas nos braços roliços, nas formas arredondadas, no decote valorizando os seios, no formato do rosto etc.

É grande a influência nos traços e contornos deixada por Di Cavalcante nas obras do escultor Walmir Alexandre, onde o ceramista Montesclarensense buscou inspiração e a valorização de suas obras.

2. Considerações finais

Dentre as reflexões realizadas, ao final deste artigo, foram feitas algumas análises pela pesquisadora acerca de uma pequena mostra da série “Meninas de Minas”. Acreditamos que este estudo contribua para o conhecimento daqueles que, como nós, acreditamos no potencial artístico e valioso do processo da cultura popular.

Como sabemos, o olhar está transpassado por condições e referências que se superpõem. Uma interpretação é mais do que aquilo que é dito e visto; nenhuma imagem é estática, parada, ela está em movimento, em constante mudança. Essa energia é sentida pela pesquisadora ao fazer esta análise diante das obras do ceramista Walmir Alexandre, na tentativa de ver além do olhar explícito pelo próprio artista.

Para chegar ao artista, foi necessário fazer um preâmbulo pelo olhar na perspectiva de alguns artistas que eternizaram o feminino em suas obras, por meio das primeiras manifestações artísticas na pré-história, onde a figura feminina tinha grande peso, uma protuberância exagerada nas formas, os seios fartos e o abdômen enorme, representando a fertilidade, para depois, com Goya, conhecer um estilo mais refinado da figura feminina, onde o nu é representado com doçura, riqueza de detalhes, interpelando com a firmeza do olhar ao observador.

Podemos observar, ainda, a diversidade de olhares das mulatas do artista Di Cavalcanti, onde a malemolência, o gingado, a força, da mulher brasileira, simbolizando a cultura nacional, tropical e miscigenada fica evidente, além da forte influência do seu trabalho expresso nas esculturas de Walmir, também com os traços, detalhes, curvas e sinuosidade, deixando explícito diálogo com o mestre.

Já na série “Meninas do Brasil”, a narrativa acontece a partir das histórias e vivências do cotidiano de mulheres comuns, onde o artista Geraldo Lancerdine dá voz a mulheres anônimas, que muitas vezes são silenciadas pelo abandono, pela exclusão social ou pelo fato de serem pobres, negras e subjugadas pela sociedade, propondo um debate para o apreciador em torno da visualidade na representação do olhar.

Não podemos nos esquecer da riqueza da cerâmica do Vale do Jequitinhonha, com variadas linguagens artísticas da cultura popular mineira, ligadas a produções folclóricas, artesanais e eruditas, representadas por artistas e artesãos como: Dona Izabel, Vitalina, João Alves, João Pereira e outros, nos quais se percebe a força e perpetuação da tradição pela cultura oral. A produção diversificada, retirando da terra seca, a matéria prima eternizada no artesanato com utilitários, com temas do dia a dia, as bonecas com seus vestidos enfeitados, a vida sofrida de comunidades superam as dificuldades dando-nos uma lição de vida e esperança.

Waldir Alexandre desenvolveu seu trabalho buscando o resgate cultural, artístico e natural das riquezas da região, retratando em seus trabalhos a valorização do povo, suas raízes e festas, expressos pelos elementos poéticos que oscilam entre o objetivo e subjetivo das imagens emolduradas.

3. Referências

Crédito das figuras

Figura 1 - ALEXANDRE, Walmir. “Menina de Pirapora”. 2011.

Figura 2 - _____. “Menina da Estrada Real”. 2011.

Figura 3 - _____. “Menina de Diamantina”. 2011.

Figura 4 - _____. Parte da série “Meninas de Minas”. 2011.

Figura 5 – CAVALCANTI, Di. “Mulheres na janela”. 1929.

ARAUJO, Camila. *Cultura visual e imagens do cotidiano. Passagens* - Revista do programa de Pós-Graduação em comunicação – UFC, 2010, p.3.

BUCK-MORSS, S. *Estudios visuales y imaginación global*. In BREA, J.L. (Ed.). *Estudios visuales: la epistemología de la visualidad en La era de La globalización*. Madrid: Akal,2005, p. 145-159. In: OLIVEIRA,Marilda Oliveira de (Org.). *Arte,educação e cultura*. Santa Maria: Ed. Da UFSM,2007.

CANTON, Katia. *Do moderno ao contemporâneo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

CHRISTINE, Greiner. *O corpo: Pistas para Estudos Indisciplinares*. São Paulo: Annablume, 2005, p 74.

DALGLISH, Lalada. *Noiva da Seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha*. Editora UNESCO: São Paulo, 2006. p. 211.

DENZING, N. *Interpretive ethnography: ethnography practices for the 21 century*. London: Sage, 1997. In:OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Ed. Da UFSM,2007.

FOSTER, H. *The return of the real: the avant-garde and the end of the century*. Cambridge, Mass.; MIT,1999. In :OLIVEIRA,Marilda Oliveira de (Org.).*Arte,educação e cultura*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007.

MARCELANI, Ângela. *Caminhos da arte popular: O vale do Jequitinhonha/ Ângela Marcelani*, Rio de Janeiro: Museu de Casa do Portal, 2008.

MARTINS, Raimundo. “A Cultura Visual e a construção social da arte, da imagem e das praticas do ver”. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). *Arte, educação e cultura*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2007

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Apresentação. In:__. (ORG.). *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2009. P. 10-12.

_____. *Educação da cultura visual: conceitos e contextos* (Orgs.). Circunstâncias e ingerências da cultura visual. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2011, p. 51- 68.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

SANTOS, M. *Ser Tão Minas do grande sertão à Pampulha*. Fundação ArcelorMittal Brasil. Belo Horizonte: Oficina de produção, 2011.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

3.1 Referências Eletrônicas

BOSCARINO, Mônica. *Exposição Serão de Minas do Artista Plástico Walmir Alexandre*. Disponível em <<http://www.inap.com.br/bloginap/?p=1874>>. Acesso em 22/08/2012.

EFLAND, Artur. Disponível em <[http://www.google.com.br/url/as=segundo Artur efland \(2002\), Sobre conteúdos estéticos crv.educacao.mg.gov.br/.../%7B8F72EE35-7494-4B60-85B5](http://www.google.com.br/url/as=segundo%7B8F72EE35-7494-4B60-85B5)>. Acesso em 05/12/2012.

MODERNISMO NO BRASIL, *Coleção de obras de Di Cavalcante*. Fev. 2012. Disponível em <<http://artemodernadobasil.blogspot.com.br>>. Acesso em 24/10/2012.

Revista continuum Itaú Cultural 19– *O que é isto?*– itaucultural.org.br/continuum versão on-line da revista Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/continuum>>. Acesso em 05/12/2012.

REIS, Samuel. *Gerais pelas mãos*. [abr. 2012] Video (25min.). Disponível em <http://zupi.com.br/as_gerais_pelas_maos/>. Acesso em 22/09/2012.

Fonte: CD-Rom «500 Anos de Pintura Brasileira» entrevista Mario de Andrade. Disponível em: <<http://www.pitoresco.com/brasil/cavalcanti/cavalcanti.html>>. Acesso em 05/12/2012.

Minicurrículo

Eny Arruda Barbosa é mestranda do curso de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual, da Faculdade de Artes Visuais – FAV - Universidade Federal de Goiás - UFG, Projeto MINTER – Mestrado em Arte e Cultura Visual, entre a Universidade Federal de Goiás - UFG e a Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Possui Pós-Graduação em História da Arte pela UNIMONTES.